

Narrativas Ancestrais

| Histórias e trajetórias
de mulheres negras
na Bahia



**Orgs. Luzi Borges
Marise de Santana
Washington Nascimento**

Narrativas **Ancestrais**

Histórias e trajetórias
de mulheres negras
na Bahia

autografia

Rio de Janeiro, 2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(EDOC BRASIL, BELO HORIZONTE/MG)

N234 Narrativas ancestrais: histórias e trajetórias de mulheres negras na Bahia / Organizadores Luzi Borges, Marise de Santana, Washington Nascimento. – Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2022.
490 p. : 15,5 x 23 cm

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-518-4404-5

1. Mulheres negras – Bahia – Aspectos sociais. I. Borges, Luzi. II. Santana, Marise de. III. Nascimento, Washington.

CDD 305.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Narrativas Ancestrais: histórias e trajetórias de mulheres negras na Bahia

BORGES, Luzi (org.)
SANTANA, Marise de (org.)
NASCIMENTO, Washington (org.)

ISBN: 978-85-518-4404-5
1ª edição, julho de 2022.

FOTO DA CAPA: Edson Ferreira
FOTO DA CONTRACAPA: Flávia Maraká

Este livro é fruto da parceria entre o grupo de pesquisa Áfricas e a editora Autografia.

Áfricas: sociedade, política e cultura
Certificado pelo CNPQ
Ano de formação: 2015

Líder(es) do grupo:
Washington Santos Nascimento
Silvio de Almeida Carvalho Filho
Área predominante: Ciências Humanas; História

Instituição do grupo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Unidade: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História Política

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.
Rua Mayrink Veiga, 6 – 10º andar, Centro
RIO DE JANEIRO, RJ – CEP: 20090-050
www.autografia.com.br

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem
prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

Ancestralidade é passado e futuro no presente.



Sumário

- 11 **Quem não senta pra aprender, não levanta pra ensinar: uma aula com a Griot Marise de Santana**

*Vanessa Caroline Silva Santos
Marise de Santana*

O SAGRADO, O ANCESTRAL E AS MULHERES DE AXÉ

- 39 **Maria Jacaré - Nagô: os Yorubás, o sagrado e a formação de Maracás - BA**

Washington Nascimento

- 66 **Escrevivências de uma filha do vento no sertão da Bahia**

Viviane Sales Oliveira

- 101 **O legado de Madrinha Alice: memória, religiosidade e práticas de cura**

*Edelvito Nascimento
Marcello Moreira*

- 130 **Mãe Veva- a mãe de todas as vozes**

*Emily Alves Cruz Moy
Alexandro Borges Batista*

- 154 **Funções de mulheres, divindades femininas e Maria Nagô nos terreiros de Maracás**

Ivana Karoline Novaes Machado

- 168 ***Okoloju*: a força ancestral das Mulheres de Axé**

Luzi Borges

MULHERES QUILOMBOLAS

- 195 **Mulher quilombola: trajetória e memórias de Bezinha**
Géssica Maria Silva São José
Núbia Regina Moreira
- 223 **O papel das mulheres na formação da comunidade remanescente de quilombo Fazenda Estiva - Maracás/Ba**
Cristiane Dias da Silva Froes
- 257 **O sagrado e as mulheres quilombolas: experiência religiosa das rezadeiras da comunidade do Baixão – Vitória da Conquista / BA**
Vivian Carvalho Lima
Washington Nascimento

PODER NO FEMININO

- 291 **A mestiça Ana Maria: o império de uma Ribeiro de Novaes no sertão baiano (século XIX – XX)**
Rafaella Gradil Peixoto Borges
- 306 **O acarajé da Dió: tradição e religiosidade na conquista da liberdade**
Martha Maria Brito Nogueira
- 341 **Nilzete Gomes e o legado afro-jequicense de Filhinha da feijoada**
Vanessa Caroline Silva Santos
- 371 **Poéticas transgressoras de mulheres negras: a emergência do sul da Bahia**
Tereza Cristina Soares de Sá
- 402 **O retrato de uma mulher na encruzilhada: alguns ângulos da vida de Julia Helena**
Camila Pina Brito

MICRO CONTOS

- 455 **Mãe Nininha: legado, força e resistência**
Ivanildes Moura
- 461 **Dona Anísia, não vá embora, não, fica mais um pouquinho**
Ivanildes Moura
- 465 **Dona Georgina, mulher preta, centenária, cheia de sabedoria.**
Ivanildes Moura
- 470 **“Não dependo de nenhum homem” – Encontros com Dona Regina na Estiva**
Flávia Maraká (Imagens)
Washington Nascimento (Texto e seleção de imagens)
- 479 **Sobre xs Organizadorxs**
- 482 **Autorxs**



Quem não senta pra aprender, não levanta pra ensinar: uma aula com a Griot Marise de Santana

Vanessa Caroline Silva Santos

Marise de Santana



Foto: Arquivo do ODEERE. Todos os direitos reservados.

Começo saudando a sua ancestralidade, pedindo benção como sua mais nova na caminhada, do axé, na militância, docência e pesquisa. Agradeço a disponibilidade, acredito que essa conversa será fonte onde beberão pesquisadoras do campo das relações étnicas e ancestralidade. Gostaria de saber como foi sua caminhada

como mulher negra até chegar à universidade, em torno de seus estudos, vida profissional e a relação com o axé. Relaciono essas questões que parecem tão díspares porque sua escrita e pesquisas enunciam aspectos de sua alteridade profundamente calcada na ancestralidade.

Na verdade assim, eu acredito que a minha caminhada de luta contra o racismo, as discriminações de modo geral, se inicia no momento que eu sou aluna de uma escola que diz assim, ‘você só pode sair no pelotão de escravos’, e eu ansiava sair em outro pelotão dos desfiles cívicos que não fosse o de escravo. Essa forma, esse trato da escola desperta toda uma necessidade mesmo de luta, de me ver como pessoa, de ser pessoa. Depois eu acho que a religião foi um outro marco muito importante na minha vida, porque ser iniciada na religião de matriz africana faz com que a gente agradeça por tudo. Agradeça a ancestralidade por permitir que eu chegue onde eu cheguei, por eu ter contribuído na vida de algumas pessoas... E pensando nisso, eu me vejo com esses dois marcos muito fortes, pra que fale um pouco da minha trajetória, que me conduziu pra onde eu fui, a pensar essas questões que na academia se diz que são de militância, e eu pergunto: quem não é militante? Se não for militante não serve, não é um bom pesquisador; se não for militante não é um bom professor; se não é militante você não é um bom extensionista. Então me vejo muito dentro desse horizonte pra pensar tudo isso. Eu falei de dois marcos, mas eu acho que o terceiro marco seria a própria criação do Odeere... E é um outro marco também de uma importância muito grande, mas que talvez eu deixe ele um pouco de lado, não atribua a ser um terceiro marco por conta de que foram os dois primeiros que me fizeram fazer uma caminhada pra que eu pudesse me tornar professora, educadora, mestre, doutora, pós-doutora, mas visando sempre um pensar acadêmico diferenciado do que eu ao longo da minha vida vi dentro da academia, dentro das universidades. Um pensar pra que a gente pudesse de fato contribuir para um mundo melhor, essa perspectiva maior,

essa luta... Então, eu penso que entender quem somos nós, qual é a nossa identidade, é uma possibilidade de estar dando contribuições para o outro também. Quando a gente pensa qual o sentido de 'nós', qual é o meu sentido de vida, quem sou eu... Eu estou pensando que o outro não sou eu, então, o outro é quem? Qual o sentido que ele tem, que ele atribui à vida. Estar na Antropologia foi muito importante, porque minha formação é uma formação, digamos, um tanto eclética. O primeiro curso que eu fiz na universidade foi nas (Ciências) Exatas. E eu fiquei o tempo todo pensando que eu ia permanecer nas exatas, tanto que eu fui pra Engenharia também. Mas eu sempre me dava conta de que faltava alguma coisa, faltava algo que as Exatas não tinham que é a relação humana. Então por isso eu fui fazer Pedagogia. Mas quando eu fui fazer Pedagogia não necessariamente eu queria fazer Pedagogia, eu queria fazer qualquer curso de Humanas, poderia ser Filosofia, qualquer outra. Eu tinha uma trajetória de ensino na Matemática, quando eu termino a Pedagogia eu venho pra universidade, mas não com o desejo de vir para a universidade... Saiu no jornal que tinha uma vaga para a UESB e eu disse: eu vou lá testar o que eu aprendi na Pedagogia. Nesse teste eu passei aqui e foi um dilema porque eu não queria vim... Resultado: eu vim para Jequié e foi tudo de bom o que aconteceu na minha vida. Jequié me acolheu, me deu essa identidade de jequeiense e eu agradeço muito aos jequeienses porque foi muito bom eu ter vindo. O meu crescimento, que não foi só acadêmico, foi espiritual, se deu justamente por conta de eu ter adentrado a um espaço que necessitava que fizesse o trabalho feito por mim nesses anos. Enfim, essa fala é um agradecimento à cidade, ao povo que me acolheu de Jequié e da região.

No início de sua carreira acadêmica sua pesquisa enfocava a relação entre o Legado Africano (doravante LA) e as práticas docentes. Acha que a pesquisa impactou sua própria prática docente, e também a construção da identidade docente de alunos/as, pesquisadoras/as e militantes?

Na verdade quando eu fui pesquisar sobre LA, isso foi algo que já estava lá na minha identidade, eu enquanto criança, numa região do recôncavo da Bahia mas, que havia um reconhecimento do povo branco e não de nós negros, e de outros povos que ali estiveram, tais como, os indígenas que estavam antes de todos nós. Esse trabalho com os LA foi um trabalho que me deu a possibilidade de eu pensar mais profundamente a minha identidade, mas também a identidade de um povo que estava lá no Recôncavo da Bahia e que me cercava. Então pensar em Legados nesses anos todos me deu a possibilidade de eu estar sempre lidando de uma forma diferenciada com temas que conduzem o tempo todo ao debate dos LA. Então, naquele primeiro momento o que foi muito inquietante foi a discriminação que professores/as tinham com esses elementos de LA presentes nesta região. Como pode alguém só tratar os negros como se eles ainda fossem escravos, ou seja, como se tivessem uma identidade escrava, e não uma identidade africana. As pessoas referem-se a ‘portugueses’, ‘árabes’, mas quando vão se referir aos negros, não se referem como africanos, e sim como ‘os escravos’. Essa inquietação ela se fundamentou muito melhor quando eu fui para o mestrado, eu estava muito voltada para pensar como essa diversidade cultural se dava. A coleta de dados me levou a descobrir que cultura era entendida pelos professores e professoras como algo de escola. Então diziam, “meu pai não tem cultura, minha mãe não tem cultura porque eles não foram a uma escola, a uma universidade, porque eles não têm escolarização”. Ora, isso interfere diretamente na forma como vão pensar sobre cultura para trabalhar em sala de aula. Se esses alunos/as são na verdade pessoas que têm uma estruturação familiar não escolarizada, onde o pai e mãe não têm isso que o professor e professora dizem que é cultura, então como vamos lidar com o Senso Comum dos alunos e alunas. Aqui entendo Senso Comum como um corpo organizado de saberes baseados no cotidiano da própria cultura, na sua vida como um todo, tal qual nos diz Geertz (1998). Ter esse entendimento interfere na forma como professores/as pensam seu

trabalho e sua formação. Então, os depoimentos que eu tenho dos professores e professoras na pesquisa realizada para dissertação de mestrado com lócus na cidade de Jequié, são depoimentos fortíssimos, que faz a gente pensar como esses professores/as lidam com seus alunos/as em sala de aula. Vale aqui ressaltar que, naquele momento da pesquisa de mestrado, ano de 1997 a preocupação era com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/1996. Esta lei levou a nós professoras/es a ter preocupação com temas que até então a escola não tinha debatido: Pluralidade cultural, gênero, Diversidade Sexual, Ética entre outros temas. Pensar sobre o que é Ética carrega uma importância muito grande, isto porque, quando a gente pensa o que é ética, temos que pensar o que é moral. E no pensar moral e ética que verifica-se o pensamento de uma moral cristã, maniqueísta, que a sociedade brasileira mantém acerca de gênero, por exemplo. A nova LDB inquietava nós professoras/es, neste sentido, meu objeto de estudo no mestrado buscou investigar como professores e professoras estavam recebendo os Parâmetros Curriculares Nacional enviado pelo MEC em 1996 e como estavam lidando com esses parâmetros em sala de aula. Esta pesquisa vai constatar que especialmente no tema Pluralidade cultural, professores/as pensam a cultura como universalizante, como sinônimo de escola. Abominam a religião do outro que não é protestante, pentecostal ou católico. Então, em estudos de doutoramento passo a pesquisar sobre a formação docente. Por que é importante pensar na Formação docente? Porque professores se formam dentro de uma estrutura que é de docência monocultural, universalista. Boaventura, nos chama atenção para pensar sobre a estrutura universitária para que possamos adentrar a estrutura pluriversitária. Portanto, professores/as não se formam para desenvolver em suas atividades de docência um saber gestado pelo cotidiano de seus alunos/as, que seria um saber pluriversitário fruto da articulação entre ensino e pesquisa. A ausência deste saber vai fazer com que sejamos formadores de pessoas imbuídas de preconceitos que geram discriminações. Temos formado pessoas